

Humanismo e formação (*Bildung*) em tempos de TICs: aproximações hermenêuticas*

Rogério José Schuck**

Recibido: 2 de julio de 2015 – Revisado: 17 de septiembre de 2015 –

Aprobado: 9 de noviembre de 2015

Resumo

Os últimos 20 anos foram de enormes mudanças para a humanidade, impulsionadas sobretudo pelas Tecnologias da Informação e Comunicação –TICs–, afetando a vida em todas as dimensões. O texto busca investigar a questão do humanismo nesse contexto, discutindo a relação tempo e espaço para compreender como as TICs têm sido centrais na mudança de postura e de construção do conhecimento. Seguindo a perspectiva da hermenêutica filosófica, de modo especial nas trilhas abertas por Hans-Georg Gadamer, o conceito apropriação da tradição e aproximações com o conceito formação (*Bildung*) abrem perspectivas para a discussão pelas vias da hermenêutica filosófica. De que modo está se dando a formação (humanística, intelectual, social) dentro desse contexto? Qual o espaço possível ao humanismo diante de um cenário extremamente complexo e plural, permeado pelas TICs? Em que sentido as TICs contribuem ou não para (re)pensarmos a questão da postura humana frente ao saber? São questões deveras complexas e que exigem mediações (que nos deem) (na busca por) algumas pistas em pro de respostas, mesmo que ainda abertas.

Palavras-chave: Conhecimento, humanismo, formação, hermenêutica, TICs.

* Article de réflexion.

** Adresse postale: UNIVATES. Rua Avelino Tallini, 171. Bairro Universitário. CEP 95900-000, Lajeado, RS, Brésil, e-mail: rogerios@univates.br

El humanismo y la formación (*Bildung*) en tiempos de las TIC: enfoques hermenéuticos*

Rogério José Schuck**

Résumé

Durante los últimos 20 años, la humanidad ha pasado por cambios monumentales estimulados por las Tecnologías de la Información y la Comunicación –TIC–, afectando la vida en todos los aspectos. Este artículo tiene como objetivo investigar el humanismo en este contexto, al discutir la relación espacio-tiempo, y posteriormente entender cómo las TIC han sido fundamentales para cambios en la postura y construcción del conocimiento. De acuerdo con la perspectiva de la hermenéutica filosófica, especialmente para Hans-Georg Gadamer, el concepto de tradición de apropiación y los acercamientos a la formación (*Bildung*) permite esta discusión a la luz de la hermenéutica filosófica. Una circularidad surge de ello, y podemos vislumbrar respuestas para preguntas tales como: ¿De qué manera (humanista, intelectual, social) está ocurriendo la formación en este contexto? ¿Qué espacio se asigna al humanismo ante un entorno tan complejo y plural, impregnado por las TIC? ¿Cómo contribuyen las TIC o no a (re)pensar la posición humana ante el conocimiento? Estos son temas muy complejos que requieren mediación para dar pistas de cuáles son las respuestas, incluso si han de permanecer abiertas.

Palabras clave: conocimiento, humanismo, formación, hermenéutica, TIC.

* Artículo de reflexión.

** Dirección postal: UNIVATES. Rua Avelino Tallini, 171. Bairro Universitário. CEP 95900-000, Lajeado, RS, Brasil, correo electrónico: rogerios@univates.br

Humanism and formation (*Bildung*) in times of ICT: hermeneutical approaches*

Rogério José Schuck**

Abstract

Over the last 20 years, humankind has gone through monumental changes mainly stimulated by Communication and Information Technologies –ICT–, affecting life in all aspects. This paper aims at investigating humanism within this context, by discussing time-space relationship, and subsequently understanding how ICT have been pivotal to changes in posture and knowledge construction. According to the perspective of philosophical hermeneutics, especially to Hans-Georg Gadamer, the concept of tradition appropriation and the approaches to formation (*Bildung*) enable this discussion under the light of philosophical hermeneutics. A circularity emerges from it, and we may glimpse answers for questions such as: in what way is (humanistic, intellectual, social) formation happening within this context? What space is allocated to humanism before such a complex and plural setting, pervaded by the ICT? How do ICT contribute or not to the (re)thinking of human position before knowledge? These are quite complex issues that require mediation to provide clues of what the answers are, even if they are to remain open.

Keywords: Knowledge, humanism, formation, hermeneutics, ICT.

* Reflection article.

** Postal address: UNIVATES. Rua Avelino Tallini, 171. Bairro Universitário. CEP 95900-000, Lajeado, RS, Brasil, e-mail: rogerios@univates.br

Situando a discussão

Pensar a questão do humanismo em meados da segunda década do Século XXI nos leva a um desafio instigante, na medida em que somos colocados diante de mudanças inimagináveis há pouco mais de 20 anos, sobretudo advindas das tecnologias da informação e comunicação –TICs–. Distâncias diminuíram de forma significativa entre pessoas que se encontram fisicamente longe, enquanto abismos se abriram entre pessoas que se encontram fisicamente muito próximas, por vezes habitando na mesma casa.

A relação com o tempo e o espaço mudou substancialmente e para sempre neste curto espaço de tempo, dando a impressão de que tudo está mais acelerado, de que o tempo diminuiu diante da enormidade de tarefas e afazeres e das possibilidades de acesso às mais diversas informações. Segundo Bauman e May (2010), temos a impressão de que o tempo está passando mais velozmente e que não há mais fronteiras e distâncias. O paradigma de comunicação entre as pessoas modificou-se, revolucionando a relação com o mundo.

Nesse mesmo sentido, a concepção de mundo e sociedade foi profundamente afetada pelos novos tempos, em que o real e o virtual ora se fundem, ora produzem efeitos inimagináveis e imprevisíveis, tornando-se o virtual mais real do que o próprio real. Querer compreender a sociedade contemporânea, conforme Castells (1999) exige discussão profunda com as ferramentas tecnológicas.

É nessa perspectiva que buscamos refletir, nos questionando: como está se dando a formação (humanística, intelectual, social) dentro desse contexto? Qual o espaço possível ao humanismo diante de um cenário extremamente complexo e plural, permeado pelas TICs? Em que sentido as TICs contribuem ou não para (re)pensarmos a questão da postura humana frente ao saber? Estamos, então, frente a um novo homem? Seria essa uma nova subjetividade que se está construindo ou estamos diante de uma nova configuração do humano? O que está mudando e o que permanece nestes tempos permeados pelas TICs? São questões deveras complexas e que exigem mediações com alguns referenciais teóricos para obtermos algumas pistas em prol de indícios de respostas.

Urge que pensemos os novos tempos à luz do contexto contemporâneo e não tentando adequá-los aos nossos interesses. Os “nativos digitais”, conforme Pierre Lévy (2011), não são mais uma possibilidade, já são realidade e se fazem presentes nos mais diversos espaços. A linearidade com que se constituiu o pensamento moderno, contemporaneamente vem sendo profundamente questionada. Não é que a linearidade tenha desaparecido, mas a premissa de que seja o modo exclusivo de se relacionar com a questão do conhecimento, não tem mais sustentação. As TICs abriram a possibilidade de novas posturas frente ao conhecimento, mudando a produção identitária e também a noção de sujeito.

Formação (*Bildung*) e Humanismo

Os conceitos formação (*Bildung*) e Humanismo mantêm uma proximidade que lhes confere complementações. A primeira vez que o termo Humanismo foi usado em alemão (*Humanismus*) aponta para inícios do século XIX. Foi o mestre e educador bávaro F.J. Niethammer¹ quem assim o fez. Distanciamos-nos da perspectiva originária para, no presente texto, seguir muito mais a perspectiva da hermenêutica filosófica proposta por Hans-Georg Gadamer. É por isso que precisamos nos aproximar da tradição alemã, que buscou no termo “*Bildung*” a base para construir a reflexão em torno da temática, porém não vamos nos ater aos aspectos filológicos do conceito.

Em se tratando do conceito formação no contexto contemporâneo, inevitavelmente precisamos nos aproximar da questão de como estamos nos conduzindo na produção do conhecimento. Como bem sabemos, na modernidade a educação foi formalizada na tentativa de organizar racionalmente os processos de ensino e aprendizagem, assim como criar condições necessárias para que esses processos acontecessem. Talvez uma das maiores expressões dessa formalização possa ser percebida nas grades curriculares. Linearizamos e dividimos o conhecimento em partes, de modo a dar a impressão de que há um processo linear e sequencial a ser efetivado. A expressão mais clara dessa situação se evidencia na necessidade do estudante cumprir com pré-requisitos para poder se matricular em disciplinas, como é o caso em muitos cursos universitários. Sem dúvida, em algumas situações pré-requisitos são necessários, mas o fato de buscar estender o critério a todas as áreas do saber reforça a tese que levantamos.

A racionalização e formalização do ensino, estruturada durante a modernidade, levou à ideia de espaços de aprendizagem por excelência, as instituições de ensino. Por conseguinte, as instituições de ensino receberam a incumbência de outorgar títulos de reconhecimento público aos que cumprem exigências consideradas mínimas diante de áreas específicas do saber. No ensino superior esse espaço, inicialmente pertencente à universidade do saber, passou a ser tratado em faculdades, como o próprio nome já denuncia. Diante da universidade, da universalidade, portanto, facultamos, e assim acreditamos, mediante domínio de pré-requisitos formalizados, conseguir acesso ao saber necessário para receber determinada titulação. “Evidentemente que isso tem a ver com a mudança espiritual, que nas ciências do espírito tem a ver com o especificamente humano em termos de aperfeiçoamento das aptidões e faculdades” (Gadamer, 2004, p. 45).

Falar do e no contexto contemporâneo exige esclarecer a partir de onde se está falando. Nesse sentido, urge inicialmente seguir nas trilhas deixadas por Kant. Como é sabido, Kant não se utiliza da palavra formação, conforme usada no contexto descoberto por Hegel. Enquanto em Kant aparece mais o conceito “cultura”, ligado a uma ideia de aptidão natural, em Hegel a palavra *Bildung*

1 *Der Streit des Philanthropismus und der Theorie des Erziehungsunterrichts unserer Zeit* (1808) (Cf. Mora, 2001, p. 1.391).

se aproxima do sentido distinto de cultura, adquirindo muito mais um sentido de formação do espírito. Ao citar Humboldt, Gadamer o esclarece, expondo que “se trata de algo mais elevado e mais íntimo, ora aproximando-se mais da expansão do caráter e da sensibilidade, ora da reconstrução da imagem de Deus que o homem possui em si mesmo” (Cf. Gadamer, 2004, pp. 45-46).

Há um texto escrito por Apel (1995), intitulado *Das Verstehen*, em que essa questão aparece claramente exposta:

Os homens compreendem um ao outro não porque eles se dão sinais/símbolos das coisas de fato, não porque eles se determinam reciprocamente, trazendo o mesmo conceito exato e completo, porém porque eles tocam/atingem reciprocamente o mesmo elo da corrente da sua ideia interior e a formação do conceito interior. Tocam a mesma tecla de seu instrumento espiritual, do qual, porém, não vertem os mesmos conceitos em cada um. Só nessa oscilação e com esses limites chegamos à mesma palavra (pp. 169-170).

Gadamer denomina essa situação como sendo a transferência do devir para o ser. Significa dizer que a formação é consequência de um processo que passa pela interioridade daquele que está apreendendo, exigindo-lhe constantes (re) formulações de suas próprias convicções e certezas, de modo que não se fecha em si mesma, mantendo a abertura para uma constante mudança, no sentido de uma “evolução e aperfeiçoamento” (Gadamer, 2004, p. 46). Seguindo numa perspectiva hermenêutica, somos levados à exigência de dois critérios que se tornam condição *sine qua non* para a efetivação do conhecimento. O primeiro tem a ver com a escuta. A capacidade de escutar aponta para além da capacidade de ouvir. Enquanto o ouvir indica uma percepção de sons pelo ouvido, a capacidade de escutar exige uma postura que é complementada pelo segundo critério, a saber, a abertura. Nesse sentido podemos afirmar que, quando escutamos, o fazemos para além do ouvir; escutamos com todo o nosso ser. Percebemos aqui uma linha direta entre Gadamer e Heidegger, nos levando a conceber a relação com o conhecimento não como uma atitude instrumental, porém, muito antes, enquanto uma ontologia fundamental.

Se analisarmos o conceito formação a partir da língua alemã, a saber, *Bildung*, é inevitável identificar a palavra imagem, *Bild*. Nas línguas latinas, *Bild* pode ser traduzida por imagem, figura, quadro, pintura, gravura, estampa, retrato, fotografia; ao passo que *Bildung* significa formação, constituição, educação, instrução (Cf. Langenscheidts *Tascheneörterbuch*). Desse modo, podemos constatar que algo se dá, se efetiva nesse espaço de abertura, ali onde acontece um processo de formação.

Gadamer resgata a discussão de Hegel, afirmando que “o ser do espírito está essencialmente vinculado com a ideia da formação” (Gadamer, 2004, p. 47), de modo que o que ocorre na formação sempre tem a ver com um aspecto de universalização. Nas palavras de Gadamer: “A essência universal da formação humana é tornar-se um ser espiritual, no sentido universal. Quem se entrega à

particularidade é inculto (*ungebildet*), é o caso de quem cede a uma ira cega sem medida nem postura” (p. 47). E complementa, afirmando: “A formação como elevação à universalidade é, pois, uma tarefa humana. Exige um sacrifício do particular em favor do universal” (p. 48).

Há um aspecto intrigante aqui que merece ser mais discutido. Se a formação é um processo, este nunca é um acontecimento solipsista. A formação, já em sua essência, aponta para algo que tem a ver com um movimento intersubjetivo, que envolve necessariamente o encontro em torno de algo. Este é um dos aspectos que mais instiga na presente reflexão, pois significa reconhecer que muito antes de pensarmos a formação como tal, precisamos pensar nas condições de possibilidade para que elaseja possível. E para fazê-lo, somos obrigados a reconhecer que não é um objeto disponível ao sujeito. De fato, já nascemos dentro de um mundo dado que nos ultrapassa sempre enquanto ponto de partida. Mas que mundo é esse? Como o sujeito moderno se apropria desse mundo e interage com ele? Precisamos, pois, adentrar nesse mundo, a fim de construirmos uma reflexão com sentido.

Tradição e subjetividade

A construção de uma breve metáfora para esclarecer melhor o que estamos discutindo aqui, talvez possa nos ajudar a evitar mal-entendidos. Ao olhar para uma pintura, o retrato de uma imagem (*Bild*), não raro esquecemos que somente nos é possível ver essa imagem devido à luz que incide sobre ela. Ao incidir sobre a imagem, a luz nos possibilita enxergar para além da escuridão, de modo a podermos perceber a distinção de cores e tonalidades, que dão expressão à imagem. É justamente a presença da luz, imperceptível num primeiro momento, que torna possível esse feito. Portanto, a luz é condição de possibilidade para que, ao olharmos a imagem, possamos percebê-la à base de nossos sentidos, formando em nosso intelecto uma ideia, mesmo que muito vaga, sobre o objeto que está à nossa frente.

Mediados pela luz, nos é possível o encontro com a imagem. Nesse sentido, ao nos aproximarmos do conceito formação a partir da vertente da língua alemã, *Bildung*, somos levados a buscar condições de possibilidade para esse acontecimento ontológico fundamental. Podemos então perceber que, assim como a luz permite ver a imagem estampada sobre uma tela de tecido, a apropriação da tradição nos permite o acesso à formação (*Bildung*).

Mas o que significa apropriar-se da tradição? Tradição não deve ser confundida com costume(s), pois este(s) não se efetiva(m) por livre determinação, assim como sua validade não se assenta nesta, mas, muito antes, a tradição é o fundamento da validade dos costumes. É muito importante que esse aspecto seja bem esclarecido, pois, não raro, aqui reside um dos motivos de muitos

mal-entendidos. A compreensão da tradição não deve ser percebida enquanto reprodução de costumes. Significa dizer que:

Encontramo-nos sempre em tradições, e este nosso estar dentro delas não é um comportamento objetivador que pensa como estranho ou alheio ao que disse a tradição. Esta é sempre melhor algo próprio, exemplar ou aborrecível, é um reconhecer-se nela que para nosso juízo histórico posterior não se aprecia apenas conhecimento, mas um imperceptível ir transformando-se ao passo da mesma tradição (Gadamer, 1994, p. 350).

Estamos constantemente sendo interpelados pela tradição, que, enquanto se manifesta racionalmente, ao mesmo tempo mantém elementos de que a própria racionalidade, condicionada pela situação em que se encontra, não consegue dar conta. Significa dizer que o sujeito se encontra num contexto em que os limites diante de sua situação no mundo, de seu ser no mundo, imperceptíveis num primeiro momento, levam a direções não possíveis de serem trazidos à consciência crítica como ponto de partida. Isso aponta numa direção de insuficiências para com a possibilidade de tornar esses elementos reflexíveis, num primeiro momento. Porém, não significa que haja a ausência de reflexividade.

O consagrado pela tradição e pelo passado possui uma autoridade que se fez anônima, e nosso ser histórico e finito está determinado pelo fato de que a autoridade do transmitido e não somente o que se aceita racionalmente, tem poder sobre nossa ação e sobre nosso comportamento (Gadamer, 1994, p. 348).

O próprio Gadamer, num texto intitulado *História do universo e historicidade do homem* (1988), publicado originalmente na obra *Gesammelte Werke 10, Hermeneutik im Rückblick* (1995), pergunta: “O que é propriamente tradição? O que é legado? O que significa ser entregue pela tradição? Uma informação?” E complementa, respondendo: “Não se trata aí manifestamente de um mero prosseguimento da transmissão de uma informação sobre algo que aconteceu ou da descoberta de seus rastros com base em resíduos. Ao contrário, trata-se de monumentos” (Gadamer, 2007, p. 192).

Talvez a melhor tradução para a pergunta de Gadamer, a saber, “*Was heißt da Tradiertwerden?*”, seja “O que significa receber seu ser da tradição?”. Ou então, “O que significa tornar-se pela tradição?”. “Trata-se de monumentos”, eis sua resposta. Monumentos que se eternizam, poderíamos acrescentar, e que falam por si próprios, se autoexplicitam, têm uma “coisa mesma” que fala por si, em espaços e tempos diversos.

No texto “*O modelo do clássico*” (1994, p. 360), Gadamer afirma que “O compreender deve pensar-se menos como uma ação da subjetividade do que como um inserir-se (Einrücken) em direção a um acontecer da tradição”. Mas o que significa inserir-se no acontecimento da tradição? Afinal, se já nascemos dentro de tradições, independentemente de nossa vontade, somos inicialmente

carregados por elas. Então, o que acontece conosco acima de nossa capacidade de compreensão? A grande questão está, pois, em como inserir (ou insere-se) a subjetividade, o sujeito, no acontecer da tradição.

Apropriar-se da tradição

Nas ciências naturais, a motivação e o interesse do investigador repousam no objeto, numa relação em que o sujeito buscará impor a este as condições sobre as quais pretende extrair-lhe o que pretende conhecer. Nesse sentido, “[...] o romantismo entende a tradição como o contrário da liberdade racional e vê nela um dado histórico como pode sê-lo a natureza” (Gadamer, 1994, p. 349).

A hermenêutica filosófica traz à tona o momento da tradição no comportamento histórico, chamando a atenção para a impossibilidade de podermos tomar a história como objeto, pois “carece de sentido falar de um conhecimento completo da história” (Gadamer, 1994, p. 353). No entanto, a investigação histórica sempre permanece sustentada pelo movimento histórico no qual se encontra a vida mesma. Nesse contexto, em diferentes momentos, entra em jogo a coisa que se representa historicamente sem se esgotar. “O que satisfaz a nossa consciência histórica é sempre uma pluralidade de vozes nas quais ressoa o passado”. E Gadamer complementa: “Este só aparece na multiplicidade de ditas vozes: tal é a essência da tradição de que participamos e queremos participar” (p. 353).

Participamos da tradição, pois é nela que se dá a historicidade em que se desenrola a nossa vida. Não há como sair dessa situação, não há como sustentar uma perspectiva que admita a subjetividade intacta do peso que a tradição exerce sobre ela. Nisso Theunissen está correto e é muito preciso, ao escrever: “O pensamento fundamental e mais inovador de Gadamer é que cada compreender atual pertence ao acontecer da tradição viva” (2001, p. 81). Somente compreendemos a apropriação à tradição pertencendo a ela, e somente pertencemos à tradição quando participamos efetivamente dela. Eis aí uma boa circularidade, pois somente nos percebemos parte quando efetivamente nos movemos no todo e o todo somente tem sentido, com a participação efetiva da parte.

A racionalidade desde sempre esteve imanente à tradição. Logo, falar em tradição pressupõe, de antemão, a existência desta racionalidade intrínseca à tradição, enquanto modo de ser. Ao mesmo tempo em que o ser humano vive os desafios do presente, não consegue escapar ao fato de se relacionar com a tradição que se efetiva num presente sempre aberto². Em outras palavras, significa reconhecer que a tradição viva, enquanto “ser aí” da compreensão, exige o encontro do sujeito com as tradições à base das quais acontece sua compreensão. E é justamente este aspecto que mais instiga quando focamos a atenção na “geração digital”.

2 O fechamento do presente, no fundo, significa que perdemos a perspectiva do diálogo com a tradição e passamos a repetir, de modo tautológico, o que julgamos ser verdadeiro.

Em um espaço de tempo muito curto, houve uma espécie de deslocamento dos sentimentos que, historicamente, estavam vinculados a questões religiosas e/ou espirituais, ou ainda a questões filosóficas/teológicas/transcendentais. O lugar ocupado por essas dimensões passou muito rapidamente a ser ocupado pelo virtual. Perceba-se que ambas as dimensões descritas anteriormente nos remetem a um sentimento e experimento de um outro lugar, pouco dizível, mas no nível do experimentável. Eis que o virtual nos leva a um lugar de experimento de algo outro não plenamente dizível, assim como trazendo a sensação de ser real, mesmo que de outro modo. Chegamos a uma situação em que o real e o virtual se fundem e confundem. Não raro, muitos jovens que foram nomeados nativos digitais, estão tão habituados a passar horas e horas na dimensão virtual, que sentem pouca necessidade de conviver com o mundo que denominamos real.

A experiência de transcendência, que em outros tempos exigia um enorme esforço e preparo, contemporaneamente se dá muito cedo na vida da “geração Y” ou “Z”, ou como queiramos chamar. Os tempos contemporâneos exigem atenção redobrada, pois essa experiência não se efetiva, necessariamente, entre quatro paredes de salas de aula, igrejas ou espaços similares, e muito pouco em leituras profundas e quase inacessíveis à grande maioria das pessoas, seja pela falta de elementos prévios, seja pela falta de condições objetivas.

A transcendência em nossos dias passa por outros lugares e pode se efetivar por outras mediações, dentre elas as TICs. Nesse sentido, sendo a subjetividade imersa mesmo antes de tomar consciência de tal pelas TICs, surgem novas posturas. É imprescindível, porém, percebermos que estamos diante do mesmo ser humano, apesar de também ser outro ser humano. A ideia de que a técnica e as tecnologias são algo externo à subjetividade não tem sustentação, pois o ser humano hodierno é profundamente afetado por elas.

Como bem sabemos, na Antiguidade, os faraós, os reis determinavam as verdades; na Idade Média, a Igreja Católica foi o centro irradiador do aceitável ou não, principalmente através dos mosteiros; na denominada Modernidade, esse espaço passou a ser ocupado pela Ciência. Pois bem, eis que estamos vivendo um novo tempo, também denominado Pós-modernidade, em que esse lugar está sendo ocupado por outro mediador. Um mediador que não fala com palavras, mas fala com tamanha intensidade que está mudando para sempre a relação do ser humano com o cosmos.

Passamos da tradição oral para a escrita e da escrita para a imagem. Eis que hoje a imagem já não se deixa capturar estaticamente: é uma imagem movimento, dinâmica e altamente comunicativa e interativa. A ideia de transmissão está em crise. Tanto na educação, no ensino, quanto na convivência, descobrimos que com a geração digital não transmitimos, mas criamos. Os espaços de criação são especiais porque não criamos repetindo, mas criamos produzindo.

A geração “pré-nativodigital” ainda tem muito a andar. Não que tudo seja maravilhoso na era digital. Tenho dito que as TICs não são nem boas nem ruins;

bom ou mau é o uso que fazemos delas. Entretanto, a ideia de retorno a um passado romantizado não parece ser a solução. É preciso muita coragem para encarar os novos tempos, tempos em que o medo de quebrar os utensílios, de “estragar” os objetos, dá lugar para a experimentação, para a interação com as tecnologias. O que era extremamente complexo e só poderia ser decifrado depois de cursinhos e estudos aprofundados, hoje uma criança com poucos anos de vida descobre interagindo.

Portanto, não há formação (*Bildung*) fora da tradição dentro da qual a subjetividade se desenrola. Não há como escapar ao peso que a tradição exerce sobre o sujeito imbuído nesse contexto. Há sempre um acontecer que supera, em muito, o que compreendemos. A título de exemplo, se aproximarmos essa discussão com a área do ensino, podemos dizer, em conformidade com Charlot (2000, p. 78), que a relação com o saber “é relação do sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros. É relação com o mundo como conjunto de significados, mas também como espaço de atividades”. E acrescentamos: atividades cada vez mais mediadas pelas TICs.

Considerações finais

Conforme já víamos anteriormente, as tecnologias e facilitações no acesso às informações têm produzido significativa mudança na postura humana com relação ao conhecimento. A modernidade buscou a segurança no modelo linear de construção de conhecimento, impulsionando uma perspectiva de separação rígida entre sujeito e objeto. Tal perspectiva se firmou como paradigma predominante dentro das ciências. Trata-se do modelo que vem desde Descartes, perpassando gerações e vindo a ser adotado em muitas áreas do saber como sendo “o modelo” por excelência na construção do conhecimento.

Contemporaneamente, com o advento de novas ferramentas tecnológicas, cresce a preocupação com relação a novas posturas diante do conhecimento. Não se trata de questionarmos a utilidade das ferramentas tecnológicas, da técnica, mas, antes, percebermos em que medidas fazem parte da vida, assim como a compreensão e a relação que temos com tais ferramentas. Nesse sentido, uma análise crítica nos leva a perceber que, ao afetar a subjetividade, mudando posturas e concepções de mundo, estamos diante da impossibilidade de concebermos a tecnologia como algo neutro. Conforme Máttar Neto (2003), a evolução da humanidade em relação à comunicação e à transmissão de informações pode ser dividida em quatro grandes estágios: a sociedade oral, a sociedade da escrita, a sociedade da imprensa e a sociedade eletrônica (a aldeia global).

Com a chegada da internet em larga escala, ocorre também uma grande democratização no acesso às informações e ao saber. Gradativamente os “abismos” que separavam mundos urbanos de rurais vão desaparecendo. Provavelmente nunca desaparecerão por completo, mas há um fenômeno novo que estamos

vivenciando, que é muito maior do que podemos compreender. As relações antes predominantemente em grupo, gradativamente vão dando espaço para um novo tipo de relação.

Nas sociedades anteriores à escrita, comenta Lévy (2001), o saber prático, mítico e ritual era encarnado pela *comunidade viva*. Quando um ancião morria, uma biblioteca se ia juntamente com ele. Com o surgimento da escrita e imprensa, o saber passou a ser transmitido pelo *livro*. Surgiu o *intérprete*, que tornou-se referência em relação ao conhecimento mais acertado. Após a invenção da impressão, a ciência moderna encontrou terreno fértil para se firmar como “o modelo” por excelência na construção do conhecimento. Hoje, vivemos uma espécie de retorno em espiral à oralidade original. O saber pode ser novamente transmitido pelas comunidades humanas vivas, através de um outro lugar, no *ciberespaço*. É nessa nova configuração que as comunidades descobrem e constroem seus objetos e conhecem a si mesmas como coletivos inteligentes³.

Há uma crescente presença da tecnologia nos mais diversos ambientes de discussão. O homem contemporâneo já se habituou a conviver com as TICs e a organizar sua concepção de tempo e espaço na mediação dessa ferramenta. Essa situação vem impactando na sala de aula. Percebemos que, a partir dos anos 1990, houve uma facilidade de acesso a computadores capazes de suportar grande quantidade de informação gráfica e textual, consolidando-se as redes de computadores, o uso do correio eletrônico (*e-mail*) e a publicação eletrônica.

Diante desse novo contexto, dois elementos que mais caracterizam a Internet são o hipertexto e a hiperímia. “Ao contrário da estrutura estática do texto tradicional, o hipertexto caracteriza-se pela metamorfose e constante mutação. Com o hipertexto, foram introduzidas formas de escrever performativas, substituindo as formas de escrever estruturais das mídias escritas e impressas” (Máttar, 2003, p. 109).

A hiperímia pode ser definida como uma simultaneidade de mídias e que também organizase por *links*. Ela é, por natureza, múltipla e heterogênea, confluindo imagens, sons, palavras, textos, organizados por relações e conexões diversas, que possibilitam diversos fluxos de “leitura” (Máttar, 2003).

A era da informática estabeleceu uma nova ruptura em relação à sociedade da imprensa. Da estabilidade da linguagem representada estaticamente nos livros, passamos à instabilidade da linguagem eletrônica; dos escribas, aos internautas (cf. Máttar Neto, 2003). Com a revolução microeletrônica, as capacidades intelectuais do homem são ampliadas e substituídas por autômatos. A informação agora se apresenta digitalizada e virtualizada. Passamos do texto impresso à possibilidade do texto processado, do livro impresso ao livro eletrônico, ao acesso facilitado de mídias eletrônicas, a exemplo de documentários disponibilizados no Youtube ou do armazenamento na “nuvem”, através do Google Drive.

3 Ver a este respeito Neuenfeldt *et al.*, 2011.

Não há como negar que, em tempos contemporâneos, o acesso ao conhecimento tem sido impactado fortemente pelas TICs, assim como as relações intersubjetivas. As representações em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes “superiores”, estão sendo substituídas pela imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva (Lévy, 2001).

Estudos realizados (Neuenfeldt, 2011) sobre compreensões de pesquisa, junto a alunos de Ensino Superior na Univates/RS/BRA, demonstraram que há falta de reflexão em relação à pesquisa por parte de alunos universitários, apontando fortes indícios de uma ligação direta entre a escola básica e a falta de compreensão metodológica de pesquisa. Predomina entre os alunos uma postura passiva frente à pesquisa. Corroborando com esse quadro, ao buscar compreender o modo como se dá a iniciação à pesquisa no Ensino Superior, a partir do olhar de professores que atuam com disciplinas relacionadas a essa área na Univates, constatou-se que há uma forte preocupação em relação à compreensão de ciência e de pesquisa. Porém, também se percebe a necessidade de desenvolver nos alunos a autonomia e a autoria.

Estamos na “pré-história” deste novo tempo. Urge que levemos ainda mais a sério a discussão a respeito da formação e apropriação da tradição. Tratar-se-ia de uma nova tradição? Certamente não, pois é impossível, pelo demonstrado anteriormente, (re)iniciar uma tradição do marco zero. Todo o pensar sobre, toda a tentativa de compreender se efetiva já sempre a partir de dentro da tradição.

Portanto, fica evidenciado que “somente um ser-aí que obedece às suas próprias tradições, isto é, àquelas que lhe são próprias, sabe e pode tomar decisões que fazem história” (Gadamer, 2007, p. 143). Fazer história no encontro mais profundo com as próprias raízes, o que poderíamos denominar como certo grau de autoconsciência, ou então de consciência dos efeitos que a história produz em nós.

Está em curso uma mudança radical na concepção de tempo e espaço. O tempo já não é mais aquele demarcado linearmente em finos detalhes, com sucessões mais ou menos estáveis e estáticas. O novo tempo é o do agora. Tudo é instantâneo. Desaparece gradativamente a ideia de projetar um evento para daqui a duas semanas, um mês, um ano... Com a ferramenta adequada e os “amigos” conectados, de hoje para hoje se programam eventos, encontros e assim por diante.

A noção de espaço também foi profundamente modificada na chegada das TICs. Não é preciso sair de casa para ter acesso às notícias mais variadas, contanto que se tenha acesso à internet. Ao digitar www.na.web, podemos trazer o mundo para dentro de nossa casa. Mas que mundo é esse? Qual a consequência prática dessa mudança para a convivência em sociedade? Como as instituições poderão ver nesse contexto uma oportunidade e não uma ameaça? São questões

deveras complexas a serem discutidas em outro momento, pois exigem uma argumentação que seja suficiente.

Por tudo o que foi exposto no presente texto, apreendemos que a compreensão exige a aproximação com a questão da apropriação da tradição. Tradição que se deixa desvelar, conforme Gadamer (1996), pelo fato de que “o ser que pode ser compreendido é linguagem”. Sendo a linguagem condição de possibilidade para o mundo se tornar significativo, podemos afirmar que é na tradição que reside a possibilidade de algo vir à tona pela linguagem, podendo ser compreendido. Por isso, é possível sustentar que as TICs podem ser ferramentas de auxílio na caminhada rumo à apropriação da tradição.

Referencias

- Appel, K. O. (1955). *Das Verstehen: eine Problemgeschichte als Begriffsgeschichte. Archiv für Begriffsgeschichte. Bausteine zu einem Historischen Wörterbuch der Philosophie.* Bonn: H. Bouvier, Verlag.
- Bauman, Z., e May, T. (2010). *Aprendendo a pensar com a Sociologia.* Zahar: Rio de Janeiro.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura.* São Paulo: Paz e Terra.
- Charlot, B. (2000). *Da relação com o saber: elementos para uma teoria.* Porto Alegre: Artmed.
- Gadamer, H. G. (2004). *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.* Petrópolis: Vozes.
- Gadamer, H. G. (2001). *El inicio de la sabiduría.* Barcelona: Paidós.
- Gadamer, H. G. (1995). *Gesammelte werke 10: hermeneutik im rückblick.* Tübingen: Mohr.
- Gadamer, H. G. (2007). *Hermenêutica em retrospectiva, 2.* Petrópolis: Vozes.
- Gadamer, H. G. (1994). *Verdad y método II.* Salamanca: Editorial Sígueme.
- Gutiérrez, C. B. (2008). *Ensayos hermenéuticos.* México: Siglo XXI Editores.
- Heidegger, M. (1998). *Ser y tiempo.* Santiago de Chile: Editorial Universitaria.

- Lévy, P. (2011). *A inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola.
- Lévy, P. (2001). *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Editorial 34.
- Neuenfeldt, D. J., et al. (2008). A cibercultura e os alunos do ensino médio: apontamentos e reflexões. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Revista Digital, 13(126), 1-13. Buenos Aires. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd126/a-cibercultura-e-os-alunos-do-ensino-medio.htm>
- Neuenfeldt, D. J., et al. (2011). Iniciação à pesquisa no ensino superior: desafio dos docentes no ensino dos primeiros passos. *Ciência e Educação*, (17)2, 289-300.
- Máttar, J. A. (2003). *Metodologia científica na era da informática*. São Paulo: Saraiva.
- Theunissen, M. (2001). La hermenéutica filosófica como fenomenología del apropiamiento de la tradición. *El ser que puede ser comprendido es lenguaje: homenaje a Hans-Georg Gadamer*. Madrid: Síntesis.